

ARTIGOS

TEOLOGIA, PARA QUÊ?

Benedito Ferraro

1. INTRODUÇÃO: QUAL O ESPAÇO DA TEOLOGIA HOJE?

Este é o título de um dos últimos números da revista *Concilium*, mostrando que a pergunta é pertinente e relevante para a ação dos cristãos e cristãs no mundo de hoje, marcado sobretudo por uma realidade complexa e com duas características cada dia mais presentes no nosso cotidiano: uma sociedade contraditória e uma sociedade fragmentada. **Contraditória**, pois ao lado de pessoas que exigem os importados mais sofisticados, como carros, aparelhos eletrônicos, Internet, encontramos pessoas que não têm sequer o que comer. Ao lado de gastos astronômicos em festas, comemorações, podemos encontrar escolas sem giz e hospitais e postos de saúde sem gaze, algodão e seringas para aplicar injeção em pacientes em perigo de vida. **Fragmentada**, quer ao nível sócio-econômico, com pessoas integradas no mundo do trabalho com ótima remuneração, ao lado de milhões de desempregados/as e subempregados/as, que não sabem como encontrar o alimento para seus filhos/as. Fragmentada ainda em nível cultural e religioso, pois numa mesma família, encontramos pessoas de diferentes crenças e pertencentes a diferentes Igrejas ou religiões.

1.1. Teologia e realidade

Uma das tarefas fundamentais da teologia é dar conta dos problemas da realidade, para poder oferecer pistas e caminhos para a ação evangelizadora das Igrejas. Deve colaborar com o evangelizador/a a compreender os novos desafios presentes na realidade, para fugir ao

imediatismo e às soluções simplistas que não levam a sério a complexidade da vida de hoje. Se a teologia não der conta das questões mais conflitivas, quem o dará? Certamente esse é o sentido da GS1, ao afirmar que *“as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens-mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração”*.

A fé deve iluminar a vida em todas as suas dimensões. A palavra de Deus, como diz o SI 119, *“é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho”*. Nesta conjugação entre a fé e a palavra, interpretada para responder ao presente histórico, a fé tem como função *“orientar a mente para soluções plenamente humanas”* (GS11).

1.2. Teologia e Comunidade

Nesta tarefa a teologia não se encontra sozinha. Ela deve ser compreendida como serviço à comunidade, estar atenta à profecia e ser solícita com as orientações do magistério. Sem uma articulação respeitosa e criativa dessas instâncias, todas perdem, e perde sobretudo a comunidade. Podemos relembrar essa interação, pois ela é importante para o desempenho da tarefa teológica a serviço da palavra e da comunidade:



Clodovis Boff assim explicita essa relação complexa entre essas diferentes instâncias: *“Magistério e Teologia não estão, por princípio, em relação de subordinação, mas fundamentalmente de colaboração. Ambos estão subordinados à Palavra e estão a serviço do Povo de Deus. Frente à Doutrina da Fé, o Magistério e a Teologia têm funções distintas e complementares. Cabe especificamente ao Magistério*

*anunciar a Palavra e velar pela sua integridade. Cabe especificamente à Teologia aprofundar racionalmente essa mesma Palavra. Os Pastores são como a boca que ex-põem a Verdade salutar; os Teólogos são como a cabeça que ex-plicam. A contribuição que o Pastor dá ao Teólogo é: estimulá-lo em seu trabalho; adverti-lo quanto aos desvios em relação à fé. A contribuição do Teólogo ao Pastor é: caminhar ao seu lado, como assessor; ir em frente, como batador de novas perspectivas para a fé*¹.

2. TEOLOGIA E A REFLEXÃO CRÍTICA DA FÉ

*A teologia busca conquistar seu espaço, pois “examinando a verdadeira situação que a ciência teológica ocupa no final do século XX temos que conceder que a teologia acadêmica não goza mais da mesma estima na Igreja, na sociedade e na universidade como há poucos anos atrás. O que aconteceu? Por que, em muitos lugares, a teologia não é mais considerada como auto-reflexão crítica e necessária da fé cristã e nem como disciplina universitária academicamente importante? Por que instituições teológicas cada vez mais se transformam em organizações de ciências da religião? Será que a teologia está ultrapassada como debate crítico e autocrítico da fé cristã?”*²

Em muitos ambientes, a teologia como reflexão crítica da fé é vista como desnecessária ou mesmo como estorvo: *“Para muitos funcionários eclesiásticos - e não só na Igreja católica romana - a teologia e a crítica à Igreja, uma crítica ligada por natureza à teologia, são vistas simplesmente como estorvo. E, assim, chega-se sempre de novo a uma guerra da Cúria contra teólogos “rebeldes” e vice-versa. A relação de alguns dirigentes da Igreja com a teologia crítica ainda não está suficientemente clara. Desta situação resulta por isso facilmente um mal-entendido público sobre a capacidade produtiva da reflexão teológica. Se o próprio governo da Igreja não leva a sério os seus teólogos, dificilmente se poderá esperar maior interesse pela teologia por parte de um público cada vez mais desinteressado nos assuntos eclesiais”*³.

Olhando o papel da teologia no interior da Igreja, podemos observar um quadro bastante complexo em relação aos seus diferentes

⁽¹⁾ BOFF, C., *Teoria do método teológico. Versão didática*, Petrópolis, Vozes, 1988, p. 84.

⁽²⁾ GEFFRÉ, C. - JEANROND, W. G., *Teologia, para quê? Considerações sobre a autocompreensão do trabalho teológico de hoje*, Concilium, 256 (1994/6), p. 5.

⁽³⁾ GEFFRÉ, C. - JEANROND, W. G., *op. cit.*, pp. 05-06.

agentes. Sabemos que a teologia é vista e vivida de forma diferente pelos diferentes agentes no interior da Igreja grande-instituição e isto requer uma atenção especial, pois deste relacionamento surgem muitos conflitos e tensões. Assim podemos, de modo esquemático, apontar o atual quadro da teologia:

- a) Teologia dos padres, sobretudo do assim chamado “novo clero”: cada vez menos importante, notando-se uma forte dose de pietismo⁴ que não necessita ou simplesmente descarta a razão teológica. Nas suas pregações, quando há, o destaque maior é para emoção, a individual e a coletiva, sem muita ligação com o seguimento de Jesus.
- b) Teologia dos leigos/as: busca respostas às perguntas vindas da vida, com maior positividade, pois refletem as questões provenientes do mundo do trabalho, da política, da cultura.
- c) Teologia dos bispos: prescrições sem fundamento teológico. Estão mais preocupados com a organização e com a defesa da doutrina já estabelecida.
- d) Teologia dos teólogos: nova teologia do diálogo inter-religioso, teologia feminista, ecológica, da paz. Torna-se muito mais complexa, na medida em que assume as novas relações advindas do relacionamento de classe, gênero, etnias, geração e, ultimamente, da ecologia.

2.1. Teologia, novos paradigmas e a nova complexidade do fazer teológico

Novas exigências estão sendo colocadas à reflexão teológica a partir do diálogo com as ciências humanas, sociais, naturais e com a ecologia. Também a complexidade aumenta, quando a teologia se relaciona com o mundo da(s) cultura(s) e das religiões não cristãs. É o que acontece na África, na Ásia e também no Ocidente. Na América Latina e no Brasil, de modo especial, a teologia está sendo desafiada a refletir o mundo das culturas e religiões afro e indígenas. Neste sentido, *“a teologia se encontra num processo de aprendizagem que coloca todo tipo de exigências aos que trabalham na teologia nos dias de hoje”*⁵. As

⁽⁴⁾ Cf. COMBLIN, J., *Cristãos rumo ao século XXI: nova caminhada da libertação*, São Paulo, Paulus, 1996, pp. 43-45.

⁽⁵⁾ GEFFRÉ, C. - JEANROND, W. G., *op. cit.*, p. 06.

questões provenientes dessas novas situações se complexificam ainda mais, quando articuladas com os novos paradigmas advindos das relações de classe, gênero, etnia, geração e ecologia. Não há respostas prontas e aqui se exige uma reflexão nova e criativa fazendo jus ao “*fides quaerens intellectum*” (Santo Anselmo), pois somos convidados a “dar as razões (motivos) de nossa fé” (cf. 1Pd 3,15). Para uma visualização dessa nova complexidade, sugerimos o quadro seguinte:

MEDIAÇÕES HERMENÊUTICAS E NOVOS PARADIGMAS

RELAÇÃO	CLASSE	GÊNERO	ETNIA	GERAÇÃO
CONDIÇÃO HUMANA	TRABALHO TERRA	SEXO ERÓTICA	CULTURAS FESTA GRATUIDADE	RELAÇÕES PESSOAIS
INSTITUIÇÃO	ECONOMIA	PODER PEDAGOGIA	IDEOLOGIA	POLÍTICA PODER
SUJEITO PROTAGONISTA	POBRE EXCLUÍDO	MULHERES MARGINALIZADAS	ÍNDIOS NEGROS	CRIANÇA JOVEM IDOSO
C I V I L I Z A Ç Ã O				
MÍSTICA-ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO-ESPERANÇA				

Quando falamos de relações de etnia, gênero e geração, certamente não queremos deixar de lado a questão da classe. Ela continua sendo de importância fundamental para o pensar teológico, sobretudo a partir da teologia da libertação, tendo a opção pelos pobres como chave hermenêutica para se compreender o evangelho e chave epistemológica do fazer teológico. Entretanto, não podemos assumir os elementos adquiridos a partir das reflexões dessas relações como se fossem uma simples continuação do processo anterior de busca de um projeto revolucionário. Não há uma continuidade mecânica ou mera substituição. O processo é mais complexo e exigente.

Eis como nos fala J. Comblin: “*Os negros, os índios e as mulheres têm projetos específicos que não são o projeto revolucionário*”

anterior. Os índios querem uma sociedade indígena ao lado ou em vez da sociedade nacional atual. Não buscam uma transformação desta sociedade branca que nem sequer chegam a conhecer. Os negros querem existir e ser reconhecidos, entrando em choque contra o racismo. Em nenhum país são maioria e em nenhum país têm condições de assumir o poder como na África do Sul. Finalmente, o que as mulheres querem não se consegue mediante a conquista do poder, transformações de estruturas sociais ou puras leis. Querem uma transformação total da cultura e isso exige outros processos. Os movimentos indígenas, negros, ou feministas abrem novos campos de busca de liberdade, mas são outra coisa. Não substituem as lutas pela transformação da sociedade da década anterior. Por isso, o objeto da teologia da libertação não pode ser exclusivo. Esta teologia integra-se num movimento muito mais amplo. Cada um deles é uma expressão da vocação humana para a liberdade. Todos confluem numa teologia global da liberdade”⁶.

Além disso, descobre-se o valor do contexto onde se faz a teologia. A teologia de hoje é uma tarefa pluralista: *“Em vez de se impor uma teologia uniforme a todos os cantos da Terra, existe hoje uma disposição de entendimento teológico com os respectivos lugares da teologia. O surgimento de teologias regionais ou mesmo locais enriquece sem dúvida o cosmos teológico, mas confronta todos os lugares da reflexão teológica com a urgente necessidade de um diálogo entre estas diversas teologias. Todos os teólogos de hoje exigem uma nova disposição para o entendimento com o teologicamente outro”⁷.*

J. Dupuis explicita a importância da contextualização da teologia, ao apresentar sua obra “Rumo a uma teologia cristã do pluralismo teológico”: *“Mais do que um novo tema para a reflexão teológica, a teologia das religiões deve ser vista como um novo modo de se fazer teologia em um contexto inter-religioso: um novo método para se fazer teologia em uma situação de pluralismo religioso. Esta teologia hermenêutica “inter-religiosa” é um convite a alargar o horizonte do discurso teológico. E deve ser conduzir (...) à descoberta, em maior profundidade, das dimensões cósmicas de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Neste ponto, novamente se propõe o paralelo com a teologia da libertação. Em um contexto de opressão humana e de anseio de libertação por parte das grandes massas de pessoas, a teologia parte de uma práxis da libertação, para só depois empreender uma reflexão*

⁽⁶⁾ COMBLIN, J., *op. cit.*, pp. 112-113.

⁽⁷⁾ GEFFRÉ, C. - JEANROND, W. G., *op. cit.*, p. 06-07.

teológica à luz da revelação. Esta teologia se apresenta como um novo método para se fazer teologia. A teologia do pluralismo religioso faz o mesmo, em um contexto inter-religioso. O seu ponto de partida é uma práxis do diálogo inter-religioso e, com base nesta prática, ela sai em busca de uma interpretação cristã da realidade religiosa pluriforme que a circunda. Ela também se apresenta como um novo modo de se fazer teologia”⁸.

2.2. Opção pelos pobres como opção teocêntrica

Na sociedade atual, contraditória e fragmentada, surge uma pergunta fundamental pelo sentido da vida frente ao fenômeno da exclusão. Embora saibamos que ninguém é totalmente excluído, pois se o fosse morreria⁹, vemos a cada dia aumentar o número de morte de crianças, jovens, trabalhadores/as, idosos/as, índios, mulheres, tendo como causa o aumento da miséria e a negação do simples princípio de cidadania, numa sociedade que se apresenta como democrática. Já o livro do Eclesiástico alertava: “São coisas indispensáveis para a vida: água, pão, roupa e casa para preservar a própria intimidade” (Eclo 29,21). Hoje poderíamos falar “para conservar a própria dignidade, a subjetividade”. O/a teólogo/a não pode ser insensível a esta realidade. Se de um lado, a teologia se faz com o uso da razão, com a análise mediada pelas ciências humanas, do social e naturais, levando-se em conta todas as relações de gênero, etnia, geração e ecológica, com a mediação hermenêutica (ciência da interpretação), com a mediação teórico-prática, ela se faz também com paixão, com sensibilidade. Ela retoma a sensibilidade presente na vida de Jesus de Nazaré que tem compaixão do povo cansado e abatido (cf. Mt 9,36) e que tem consciência que Deus fala através do pequeno, do pobre, do órfão, da vítima (cf. Mt 11,25-26).

⁽⁸⁾ DUPUIS, J., *Rumo a uma teologia cristã do pluralismo religioso*, São Paulo, Paulinas, 1999, p. 36.

⁽⁹⁾ “A década de 90, recém-concluída, foi marcada pela exclusão. O conceito de exclusão foi universalmente aceito. No entanto, o conceito de exclusão é puramente negativo e, por conseguinte, pouco operacional. Por outro lado a exclusão não pode ser total. Uma pessoa totalmente excluída de tudo não conseguirá sobreviver nem um mês. Ora, a maioria dos brasileiros, mesmo os sem-teto ou os meninos de rua, sobrevivem. São excluídos de determinados bens, determinadas relações sociais, mas não são excluídos totais. Estão também incluídos em determinada sociedade. Vivem mal, mas sobrevivem. Fazem parte de uma sociedade” (COMBLIN, J., “Desafios aos cristãos do Século XXI”, em *Vida Pastoral* 210(jan/fev de 2000), p. 17). Cf. também SOUZA MARTINS, J., *Exclusão social e a nova desigualdade*, São Paulo, Paulus, 1997.

A opção pelos pobres, que no decorrer da reflexão teológico-pastoral foi recebendo os designativos de evangélica e preferencial, visa apontar para a chave epistemológica do fazer teologia. A Teologia da Libertação tem trabalhado, a partir de Medellín e à luz do Vaticano II, a questão do pobre como uma de suas preocupações centrais. Na verdade, o pobre e, diante da nova conjuntura, o excluído, tem se tornado o critério último de julgamento da sociedade latino-americana e caribenha. A opção pelos pobres torna-se a chave hermenêutica da reflexão teológica, na medida em que o pobre-excluído se torna o valor universal, exatamente porque nele temos o critério escatológico de salvação ou perdição. A opção pelos pobres significa, em última instância, uma opção por Deus, porque a vida humana concreta e real é a mediação fundamental da presença e revelação de Deus. A crítica teológica que se tem feito na América Latina e Caribe, a partir dos pobres e excluídos, denuncia a morte da epifania de Deus nos índios, negros, mulheres, crianças, migrantes, favelados, camponeses sem terra. Esta forma de refletir lança suas raízes na longa tradição bíblica da defesa da vida e dos direitos dos pobres. Assim se expressa G. Gutiérrez: *"A opção pelos pobres significa, em última instância, uma opção pelo Deus do reino que Jesus nos anuncia. Toda a Bíblia, desde o relato de Caim e Abel, está marcada pelo amor de predileção de Deus pelos fracos e maltratados da história humana. É isso que nos revelam as bem-aventuranças evangélicas; elas nos afirmam, com profunda simplicidade, que a predileção pelos pobres, famintos e sofredores tem seu fundamento na bondade gratuita do Senhor"*¹⁰.

A reflexão teológica latino-americana da libertação tem insistido na centralidade do pobre-excluído quer como seu sujeito por excelência, quer como seu interlocutor privilegiado, quer como seu último julgamento. Isto tem significado concretamente olhar a realidade com a ótica da vítima. Na verdade, é a vítima que denuncia a não-vida, a ausência da justiça. Quem tem fome, sente a ausência do pão e grita pelo seu valor! Neste sentido, a experiência da exclusão é a chave de compreensão da totalidade. Pensar a realidade a partir dos últimos, das vítimas é a condição fundamental de se pensar a totalidade. Deus escolhe os últimos, para que não haja excluídos! A teologia, que se queira bíblica, não poderá nunca se esquecer desta perspectiva, pois ela se enraíza no coração de Deus, ela faz parte do beneplácito de Deus, do

⁽¹⁰⁾ GUTIÉRREZ, G., "Pobres y opción fundamental", in *Mysterium Liberationis. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación*, tomo I, San Salvador, UCA Editores, 1991, p. 309.

seu agrado: "Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado" (Mt 11,25-26). Esta mesma perspectiva perpassa toda a Bíblia e se configura de modo especial na literatura deuteronomista, onde o pobre é critério de julgamento da sociedade toda: "Quando no seu seio houver um pobre, mesmo que seja um só de seus irmãos, numa só de suas cidades, na terra que Javé seu Deus dará a você, não endureça o coração, nem feche a mão para esse irmão pobre. Pelo contrário, abra a mão e empreste o que está faltando para ele, na medida que o necessita" (Dt 15,7-8).

A questão básica, portanto, para a teologia, neste momento histórico onde impera a exclusão, são os pobres e excluídos¹¹. Se ela não for capaz de lhes dirigir uma palavra significativa e eficaz, seu discurso não terá pertinência nem relevância. Se o sal perder o sabor... Por isso, no momento de crise em que vivemos, a teologia não pode perder o essencial. E o essencial é certamente salvar a pessoa humana, pois Deus clama por meio dos pobres-excluídos: "Descobrir nos rostos sofrendores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial"¹². Esta opção pelos pobres enraíza-se, em última instância em Deus. Neste sentido é que afirmamos ser ela em primeiro lugar uma opção teológica: "O motivo último do compromisso com os pobres e oprimidos não está na análise social que utilizamos, em nossa compaixão humana ou na experiência direta que possamos ter com a pobreza. Todas essas razões são válidas e desempenham um papel importante no nosso compromisso, porém, como cristãos, este se embasa fundamentalmente no Deus de nossa fé. É uma opção teocêntrica e profética que lança suas raízes na gratuidade do amor de Deus e é exigida por ela"¹³. O pobre é preferido não por ser moral ou religiosamente melhor, mas por causa do desumano de sua situação de pobres: "O reino vem porque Deus é "humano", porque não pode agüentar essa situação e vem para fazer cumprir sua vontade sobre a terra: que a pobreza cesse sua obra destruidora de humanidade"¹⁴.

(11) Cf. BOFF, L. -BETTO, Frei, *Mística e Espiritualidade*, Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 52.

(12) SANTO DOMINGO, n. 178; cf. PUEBLA, 31-39.

(13) GUTIÉRREZ, G., *op. cit.*, pp. 309-310.

(14) SEGUNDO, J. L., *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*, Tomo II/1, São Paulo, Paulinas, 1985, p. 164.

Assumir a opção pelos pobres como chave epistemológica exige repensar toda a teologia a partir das vítimas, a partir da convicção de fé de terem experimentado o fundamento teológico desta opção e que na América Latina está alicerçada no sangue de muitos mártires¹⁵. Isto implica no compromisso do/a teólogo/a com o mundo dos pobres: "*Só embreada na vida do povo, a teologia será efetivamente libertadora. Os pobres, por sua condição, são os portadores privilegiados da sabedoria da vida e também dos mistérios do Pai. Por isso, para participar de sua riqueza humana e espiritual, o teólogo deverá participar de algum modo da vida dos pobres e pôr-se à sua escuta*"¹⁶.

3. A TEOLOGIA DEVE DESEMBOLCAR NA ORAÇÃO, NA CELEBRAÇÃO, NA CONTEMPLAÇÃO

Mas tenhamos em mente a afirmação que L. Boff faz em relação ao estudo da Trindade e que podemos aplicar para a teologia em seu conjunto: "*Diante do augusto mistério da comunhão trinitária devemos calar. Mas calamos somente no fim do esforço de falarmos o mais adequadamente possível daquela realidade para a qual não há nenhuma palavra adequada. Calamos no fim e não no começo. Só no fim o silêncio é digno e santo. No começo seria preguiçoso e irreverente. As palavras morrem nos lábios. Os pensamentos se obscurecem na mente. Mas o louvor incendeia o coração e a adoração faz dobrar os joelhos*"¹⁷.

Para podermos fazer esse itinerário teológico, temos que vencer algumas etapas no processo educativo. Como afirmamos, a teologia caminha sobre dois trilhos: o da sensibilidade e o da análise. Por isso, é importante que alunos/as e professores/as compreendam bem os dois momentos antagônicos do estudo da teologia: "*Ora o estudante deve estar envolvido até o âmago do coração com a realidade angustiante e questionadora dos irmãos, captando-lhes as perguntas, as interrogações, as dúvidas, as incompreensões. Ora necessita do recôndito de seu quarto para ruminar o lido nos livros, ouvido nas aulas, rezado nas orações. Assim a teologia descerá às profundidades de sua vida, para daí sair em gestos e palavras, em símbolos e ritos, em falas e escritos,*

⁽¹⁵⁾ Cf. VIGIL, J. M., *Mudança de paradigma na teologia da libertação?*, REB 230 (junho/1998), pp. 326-327.

⁽¹⁶⁾ BOFF, C., *op. cit.*, p. 36.

⁽¹⁷⁾ BOFF, L., *A trindade, a sociedade e a libertação*, Petrópolis, Vozes, 1986, p. 19.

*em direção àqueles com os quais vive a aventura da existência ameaçada*¹⁸.

Para os estudantes que estão no itinerário teológico, relembramos as quatro funções que estão entrelaçadas no curso de teologia e que visam proporcionar ao aluno/a - “aprendiz de teólogo”- viver a teologia, celebrá-la e rezá-la:

1. **Aprender teologia:** esforço de apreender os conceitos e ter o seu controle.
2. **Fazer teologia:** todo cristão/ã faz teologia no nível do discurso religioso e espontâneo, buscando dar as razões de sua fé. Num nível mais rigoroso, o fazer teologia exige o uso de regras internas próprias do discurso teológico.
3. **Aprender a fazer teologia:** O aluno/a deve entrar na mecânica da teologia, conhecer sua “cozinha”, preparando-o/a para fazer teologia no sentido técnico do termo.
4. **Celebrar e rezar a teologia:** O estudo deve penetrar toda a vida, pois a teologia nasce da fé da comunidade e orienta-se para a fé. É necessário aqui a experiência mística. O acesso mais profundo ao mistério de Deus se faz pelo coração, pela conversão, pela vida.

Não há dúvida que o resultado final do estudo da teologia está ligado à motivação e à intencionalidade de alunos/as e professores/as durante o curso. Que a nossa teologia possa responder às questões que surgem da vida e que ela possa ser pertinente e relevante ao buscar as respostas.

***O Pe. Benedito Ferraro é Doutor em Teologia pela
Universidade de Fribourg, Suíça e Professor de Teologia
Sistemática no ITCR da PUC-Campinas.
e-mail: bferraro@correionet.com.br***

⁽¹⁸⁾ LIBÂNIO, J. B. - MURAD, A., *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*, São Paulo, Loyola, 1996, p. 16.

